A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

E venham ainda cá fallar-me em verão de S. Martinho, suavemente morno e supinamente confortavel. Venham dizer-me os almanachs mentirosos que o mez de novembro é um reflexo risonho do estio vivificador, a guarda da retaguarda dos formosos dias de agosto.

Pois não foste!

Eu sinto-me enervado, semi-morto de frio, um friosinho cortante como qualquer navalha de barba afiada de fresco, que me põe rubra a extremidade do nariz e que me entorpece a mão, onde a penna mal pode suster-se.

Sabem o que isto é? Uma vingançasinha liliputiana de S. Martinho.

A policia não consentiu que os devotos o festejassem com as libações copiosas da praxe; poz impedimentos á celebração do famoso dia onze, e deu caça aos raros festeiros *boulevardiers*, que se permittiram offerecer uns descantes avinhados ao grande patriarcha.

Vae d'ahi o santo abespinhou-se e disse, lá de si para comsigo, n'um impeto d'orgulho offendido:—Elles fazem-me esta pirraça? Pois deixem estar que não lhes mando, com o melhor dos meus sorrisos, o morno verãosinho do costume, aquelle pequenino verão, fugitivo e breve, que fazia as delicias da velhada cachetica e da rapaziada anemica! Em vez d'elle, decreto um inverno imprevisto, e racho-os de meio a meio com pneumonias duplas.

Se bem o disse, melhor o fez.

Estamos em plena invernia. O suavissimo novembro d'antigos tempos, não contente de chorar os seus aguaceiros, que arremessam punhados de diamantes para um tenue raio de sol transitorio, fustiga-nos com todas as raivas do nordeste implacave e mordente.

OS SEUS AMORES

As violetas friorentas escondem-se sob a herva espessa das campinas orvalhadas, e as *toilettes* do inverno, que ainda dormiam, no guarda-fato, um somno quieto de longos mezes, tiveram de

saltar ligeiras cá para fóra, á voz d'alarme dada por estas friezas siberianas com que fomos tão desagradavelmente surprehendidos.

Um horror!

Andavam para ahi os gatos-pingados, lacrimejantes e tristonhos, queixando-se de que lhes corria mal o anno e de que a negra parca poupava de mais o indigena

As emprezas funerarias levavam uma vida arrastada e difficil. Não morria ninguem. Os coveiros haviam perdido o uso d'abrir fossas profundas, e tinham-se dedicado a outro mister. O clero lisbonense esquecera o latim das encommendações funebres, e exercitava-se apenas no *conjungo vos* dos matrimonios baratos.

As portas dos cemiterios conservavam-se fechadas por largo tempo.

Os cangalheiros, afflictos e desolados, vomitavam imprecações contra a boa saude do nosso povinho escorreito.

Havia tal que chegava a implorar aos seus manes a visita do cholera asiatico, para poder ganhar a vida honradamente.

Deus louvado, o flagello gangetico, que se entretem a flanar pelos *boulevards* de Paris, não esteve disposto a fazer a vontade aos *croque-morts* lusitanos, mas deu homem por si. Em vez do microbio, temos um frio de rachar pedras, gerador de tisicas galopantes e de mil outras enfermidades correlativas.

Em face d'elle, não é para admirar que vão cahindo, pouco a pouco, d'envolta com a folhagem amarellecida do arvoredo anemico, as folhas periodicas da capital, outr'ora sadias e vigorosas.

Tombam aos pares as mesquinhas, e—triste symptoma—a queda inicia-se exactamente por aquellas que foram mais ricas da seiva, que nasceram trazendo nas veias um sangue puro e generoso.

Primeiro o *Diario da Manhã*, depois o *Diario de Portugal*. Dois diarios fulminados, dentro d'uma semana, pela mesma doença: dois campeões valentes e illustres do nosso jornalismo mortos a pouca distancia um do outro pela mesma enfermidade cruel e desapiedada.

Ambos elles tinham uma historia riquissima de paginas brilhantes, um passado de esplendores e nobrezas, e ambos morreram pobres, quasi esquecidos, sem necrologios pomposos nem enterros d'espavento. Por um pouco que não foram parar os dois ao catre humilde do hospital e não lhes serviu de jazida a valla rasa para onde se atiram, em *pêle-mêle* desoladar, os cadaveres dos insignificantes.

Sic transit gloria mundi!

Um d'elles, ao menos, não se finou impenitente. Na hora derradeira viu junto de si, ministrando-lhe os ultimos sacramentos e recebendo-lhe os ultimos gemidos, um veneravel pastor da Egreja.

Não lhe faltaram orações e responsos. Ouviu a palavra de Deus á cabeceira do leito mortuario. Suavisaram-lhe a agonia as benções d'um sacerdote amigo.

O outro, coitado, não teve essa suprema ventura. Abraçou-se aos pergaminhos da sua edade de ouro já muito remota, e lá se foi para sempre.

A' falta de quem os chore, a nossa penna de chronista, posta em varias epocas ao serviço de ambos, não póde deixar de lhes fazer aqui o necrologio, sinthetisado n'uma unica palavra:—SAUDADE.

=Mas vá de tristezas mofinas, e não nos deixemos arrastar n'este pendor das recordações saudosas, que fazem da chronica uma insupportavel e pezada elegia.

Se aquellas pobres folhas estioladas deram a alma a Deus, das suas cinzas ainda quentes nasceu já uma outra, e vão surgir muitas mais, segundo corre nas espheras do jornalismo.

Le roi est mort, vive le roi.

Descansem os srs. typographos, que não lhes faltará que fazer.

Isto de periodismo é um vicio, que se inocula a muita gente boa. Quem uma vez se deu a elle ha de morrer perpetrando locaes e artigos do fundo.

A mais lethal das nostalgias que eu conheço é a nostalgia da imprensa. O jornalista póde passar sem amante que o afague, sem café que o aqueça depois do *toast*, mas não passará nunca sem um papel onde vaze os seus odios politicos as suas affectuosidades pela *estrella* mais em voga da opera, os seus lyrismos pela corista incipiente da Trindade ou pela *voltigeuse* provocadora do circo.

=E já que fallei da Trindade, não me dispenso de te dizer que se representou ali o *Luzbelin*, uma operetta comica estapafurdia, com titulo de magica e personagens grotescos d'entremez.

Dens me livre de vir pôr em pratos limpos o entrecho do *Luzbelin*, mais ou menos tolo como o de todas as operettas, e onde se exhibem as frescuras proprias do genero.

Quero só deixar registrado que o poema, por vezes espirituoso, não satisfez os paladares affeitos ao *Boccacio*, e que a musica, muito choradinha e exuberante de ternuras *ancien régime*, não tem o *entrain* e o colorido dos bellos *spartitos* de Supée e Offenbach.

E' uma musica honesta de mais, atirando para sacra assim como quem não quer a coisa.

O desempenho, correcto.

Florinda sempre cantora e sempre moça,—uma perfeita primavera eterna—apezar de ter filhas que lhe vão dar o desgosto de a fazer avó.

Fantony... é pena que esta gentil Fantony não se dê ao trabalho de estudar bem o portuguez e de completar a branca dentadura, onde ha umas soluções de continuidade muito pouco artisticas.

Josepha... mais de espaço faremos á formosa Josepha uns reparos que as suas recentes manifestações d'actriz nos provocaram.

Temos que lhe ralhar amigavelmente.

=Pelos outros theatros poucas novidades. A reapparição do brilhante actor Silveira no Gymnasio, o beneficio da Pepa nos Recreios, a familia Chiesi fazendo prodigios de força no Colyseu, e em D. Maria o *Ruy Blas*, dando pasto aos tiroteios da critica indigena.

A proposito do *Ruy Blas* podia contar-te, leitor, coisas engraçadissimas e edificantes, mas as proporções microscopicas d'este artigo semanal não comportariam as peripecias da narrativa.

Talvez seja melhor assim.

=A politica vae continuando a estar em perfeito marasmo.

Aguarda-se que os conferentes de Berlim digam a ultima palavra sobre a questão do Zaire, e que Bismarck, o famoso chanceller allemão, olhe com olhos misericordiosos para o nosso pequenino paiz, cuja existencia era talvez ignorada lá fóra, antes de se reunir aquelle magno congresso de diplomatas sorumbaticos e austeros.

=Pelo estrangeiro, nada. Trata-se de descobrir qual é o paradeiro de Zorrilla, de averiguar se a morte do general Gordon não é uma *blague* inventada por elle mesmo, e de resolver o eterno problema da guerra franco-chineza.

A diplomacia europea trabalha activamente n'este sentido, mas ainda não resolveu cousa alguma, e o Celeste Imperio, no entanto, vae-se preparando para poder jogar as ultimas com a França.

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

II

Quando Junot entrou em Lisboa, Claudino Pimentel estudava, como vimos, na Academia de Marinha. O conquistador a primeira cousa que fez foi desarmar o paiz em proveito do Grande Exercito. Reduziu o exercito portuguez a uma legião escolhida, que foi mandada servir nas hostes de Napoleão. O exercito obedeceu, desconsolado e triste. Muitos officiaes quebraram as suas espadas. Foi o que fez Claudino. Desalentado, e não vendo no horisonte nem um clarão de esperança, abandonou a carreira militar e foi viver com seu pae para a sua casa de Moncorvo.

Não durou muito, felizmente, essa epoca de escravidão. Depois de uns momentos de inercia, Portugal reagiu. No Porto levantou-se o primeiro grito de insurreição, ainda prematuro, mas bastou para logo se repercutir nas terras leaes de Traz-os Montes. No dia 17 de junho de 1808 insurgiu-se Moncorvo, escolhendo logo uma junta provisoria de governo, cujo presidente foi o desembargador Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento, da casa dos que foram depois viscondes de Moncorvo. O pai de Claudino Pimentel foi o chefe das forças militares da insurreição nascente, e o proprio Claudino foi o engenheiro em chefe, encarregando-se de fortificar os arredores da villa, de modo que Loison, que estava em Almeida, a não podesse surprehender.

Mas Loison tinha mais em que pensar. A insurreição espalhara-se como um rastilho de polvora, tornára a ateiar-se no Porto, de modo que todo o norte do paiz estava em fogo. O general Sepulveda tratava de reorganisar o dissolvido exercito portuguez, de reconstituir os seus regimentos, sendo um d'estes o 24, a que pertencia Claudino Pimentel. O moço official foi logo apresentar-se, recebendo de novo as dragonas de tenente, que em menos de dois mezes lhe foram trocadas pelas de capitão.

Loison marchara á pressa de Almeida sobre o Porto, mas atacado pelas forças populares em desfiladeiros terriveis viu-se obrigado a retirar até com perda de bagagens. O celebre *Maneta* a furioso, e fez pagar cruelmente ás povoações indefezas que atravessou, o seu desastre. Não tinha razão. A inexperiencia dos commandantes das forças portuguezas salvara-o de um desastre muito mais formidavel. Se o tenente-coronel Silveira o deixa internar-se completamente nas asperas e estreitissimas gargantas de Traz-os Montes, e o ataca depois, Loison era obrigado a

depôr as armas. O desfiladeiro de Padrões de Teixeira tornava-se tão celebre na historia como o de Baylen, Silveira ganharia o prestigio enorme que Castaños obteve, e Loison partilharia a triste sorte de Dupont. Atacado porém muito no principio da marcha, conheceu o perigo, e ainda pôde salvar quasi integral mente, mas retirando, a divisão que commandava.

Entretanto a insurreição ia-se organisando, os inglezes vinham dar-lhe força, e Claudino Pimentel, acompanhando o seu regimento, assistiu ao bloqueio de Almeida, ás escaramuças de Malpartida e de Abrantes, ao combate da Roliça e á batalha do Vimeiro.

Expulsos os francezes, não estava terminada a lucta; pelo contrario ia começar com mais energia. O exercito inglez, que fizera a campanha de Portugal, internára-se na Hespanha, onde soffrera memoravel derrota, deixando abertas ao marechal Soult as fronteiras de Portugal. A habilidade militar de Wellington salvou a situação. O exercito portuguez, reorganisado e disciplinado energicamente pelo marechal Beresford, ia prestar-lhe grandissimos serviços na campanha de 1809.

Claudino Pimentel fôra chamado pelo general Silveira para seu ajudante de ca npo. Este valente militar tinha, com poucas forças, de defender a provincia de Traz-os-Montes. Abandonou Chaves, que foi logo occupada pelo inimigo, mas retomou-a, obrigando a guarnição a render-se, logo depois de Soult ter proseguido na sua marcha sobre o Porto. Occupada a capital do norte pelas tropas francezas, a divisão Silveira conservou-se em Traz-os-Montes inquietando as communicações do exercito invasor. Não se limitou porém a esse serviço de guerrilheiro, porque, quando os francezes o quizeram desalojar, defendeu contra elles heroicamente durante mais de quinze dias a ponte de Amarante, defeza que illustrou o seu nome e o dos officiaes que militaram debaixo das suas ordens. No movimento offensivo, realisado pelo exercito anglo- portuguez, a divisão Silveira desempenhou brilhantemente o papel de que fôra incumbida.

Na campanha de 1810 não tomou parte o capitão Claudino, nem o general de quem era ajudante de campo, porque a divisão que este commandava continuava a ser encarregada de guarnecer e defender a provincia de Traz os Montes. Seguiam pois de longe e com uma natural anciedade as peripecias d'essa campanha memoravel, em que as tropas portuguezas ganharam louros immortaes pela bravura com que se portaram na batalha do Bussaco, e lord Wellington a justa reputação de general distinctissimo pelo modo como planeou e defendeu as linhas de Torres-Vedras, diante das quaes veio escurecer-se a estrella de Massena. Comtudo, a divisão Silveira não ficou perfeitamente inactiva, tornando-se mais notavel entre as enterprezas que levou a effeito, a tomada de Puebla de Senebria e aprisionamento do batalhão suisso que os defendia. Foi Claudino Pimentel o portador da aguia d'esse batalhão, e recebeu em recompensa o posto de major.

Chegara o ensejo de se transporem as fronteiras de Portugal e de se transportar o theatro da guerra das provincias portuguezas para as provincias hespanholas. N'esse movimento aggressivo que deu logar á batalha de Salamanca, tomou parte a divisão Silveira, conhecida pelo nome de «divisão transmontana.» Com o exercito anglo-portuguez, depois do mallogro da empreza de Burgos, recolheu a mesma divisão a Portugal, com elle tornou a sair, sendo obrigado em Salamanca a expulsar os francezes, commandados pelo general Villatte. Tomou parte na batalha de Vittoria, foi a primeira a entrar em França, cujo solo pisou apenas por alguns dias, pois que teve d'essa vez que retrogradar para sustentar com as forças de Soult as terriveis e sanguinolentas batalhas dos Pyreneus.

Foram essas as ultimas batalhas da guerra peninsular em que Claudino Pimentel tomou parte. A campanha não chegara ainda ao fim, e precisava pelo contrario de novos e mais serios esforços. Napoleão, compellido a encerrar-se dentro dos limites da velha França como o javali no seu covil, era tão terrivel como é terrivel esta fera quando, acossada pelos caçadores, se volta emfim e lhes faz frente. O exercito anglo-portuguez, dizimado pelas suas proprias victorias, precisava de novas recrutas, rapidamente organisadas e disciplinadas. Por isso Claudino Pimentel regressou a Portugal, nomeado major do 5 de infanteria, que estava em Elvas, e cujos quadros deviam ser preenchidos pelos novos recrutas, que lhe iriam do deposito de Mafra, commandado superiormente pelo general Blunt. Para esse deposito se dirigiu o major Claudino, seguindo depois para Elvas, onde tinha que dirigir mais especialmente a instrucção militar e a organisação do regimento.

Não precisou de experimentar os seus recrutas diante do inimigo. Terminou a guerra peninsular antes de ser necessaria a entrada em campanha do novo corpo.

Uma nova campanha, que podia ser menos gloriosa ou menos brilhante, mas que não foi de certo menos terrivel, a campanha do Rio da Prata, esperava comtudo as tropas portuguezas. No dia 15 de maio de 1815 appareceu um decreto, mandando organisar uma divisão que iria servir na America. A officialidade d'essa divisão foi composta cuidadosamente, e isso abona mais uma vez o conceito em que era tido o major Claudino, porque promovida tenente-coronel, foi nomeado para commandar o 3 de caçadores que fazia parte da expedição.

No principio de 1816 partiu a divisão para a America, e no Rio de Janeiro ia-se passar um dos episodios mais curiosos da vida militar de Claudino Pimentel—a sua lucta com o marechal Beresford.

Será a historia d'essa lucta o assumpto do subsequente capitulo.

PINHEIRO CHAGAS.

LAGRIMAS

Ella era toda amor; os seus encantos
Enchiam a minh'alma d'alegria;
Tudo quanto ella tinha dividia
Pelos pobres sem pão. E havia tantos!

Longe de mim um dia—verto prantos
Ao recordar-me ainda d'esse dia!—
A minha boa mãe adormecia,
E não mais encontrei affectos santos!

A's vezes que tristeza, que saudade
Sinto no coração, na orphandade
D'aquella que se foi, subindo a Deus!

Sciencia, se és tão grande como dizes,
Deixa-me inda gosar horas felizes:
—Mostra-me minha mãe, que está nos ceus!

7 de novembro. SERGIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

OS SEUS AMORES

Parece incrivel mas é certo. Os amores d'aquella mocetona, crestada pelo ar do campo, são o *Mattez*, um gatarrão cheio de mimos, que passa a vida enroscado no seu collo, como qualquer pacha do Oriente recostado sobre flaccidos coxins.

Arranha? Pouco importa isso. Tambem ella já teve um conversado da aldeia, que lhe arranhou no coração, fazendo-lhe feridas mais profundas.

Desde essa epoca dedicou ao bichano todas as suas attenções, e o que é mais, todas as suas caricias.

A escolher entre homens e gatos, prefere os ultimos

Talvez tenha rasão.

DEPOIS DO BAILE

Aquelle baile acabou com os somnos placidos e tranquillos das bellas noites da sua juventude.

Nunca mais dormirá serenamente, sobre o leito de virgem, que a tenue luz d'uma lampada allumia.

As ondulações do peito denunciam uma alma agitada. E' o primeiro amor que nasce. Deu lhe vida uma valsa estonteadora, em que se trocaram palavras de fogo, e em que *elle* lhe offereceu uma simples camelia branca. .

Aquella flôr foi, talvez, o prologo de muitas insonias e de longos tormentos condensados em lagrimas. Apparentemente inoffensiva, póde envenar-lhe a existencia inteira, ainda ha pouco tão feliz.

PAUSIAS E GLYCERE

Pausias era um pintor grego, discipulo do celebre Pamphillo da Macedonia, e contemporaneo d'Apelles.

Distinguiu-se muito na pintura chamada *encaustica*, em que o artista se serve d'um verniz preparado com cera e agua-raz. Dedicou-se tambem a pintar flores, para ser agradavel a uma cortezã chamada Glycere de Sicione, a inventora das grinaldas e das coroas, segundo a tradição.

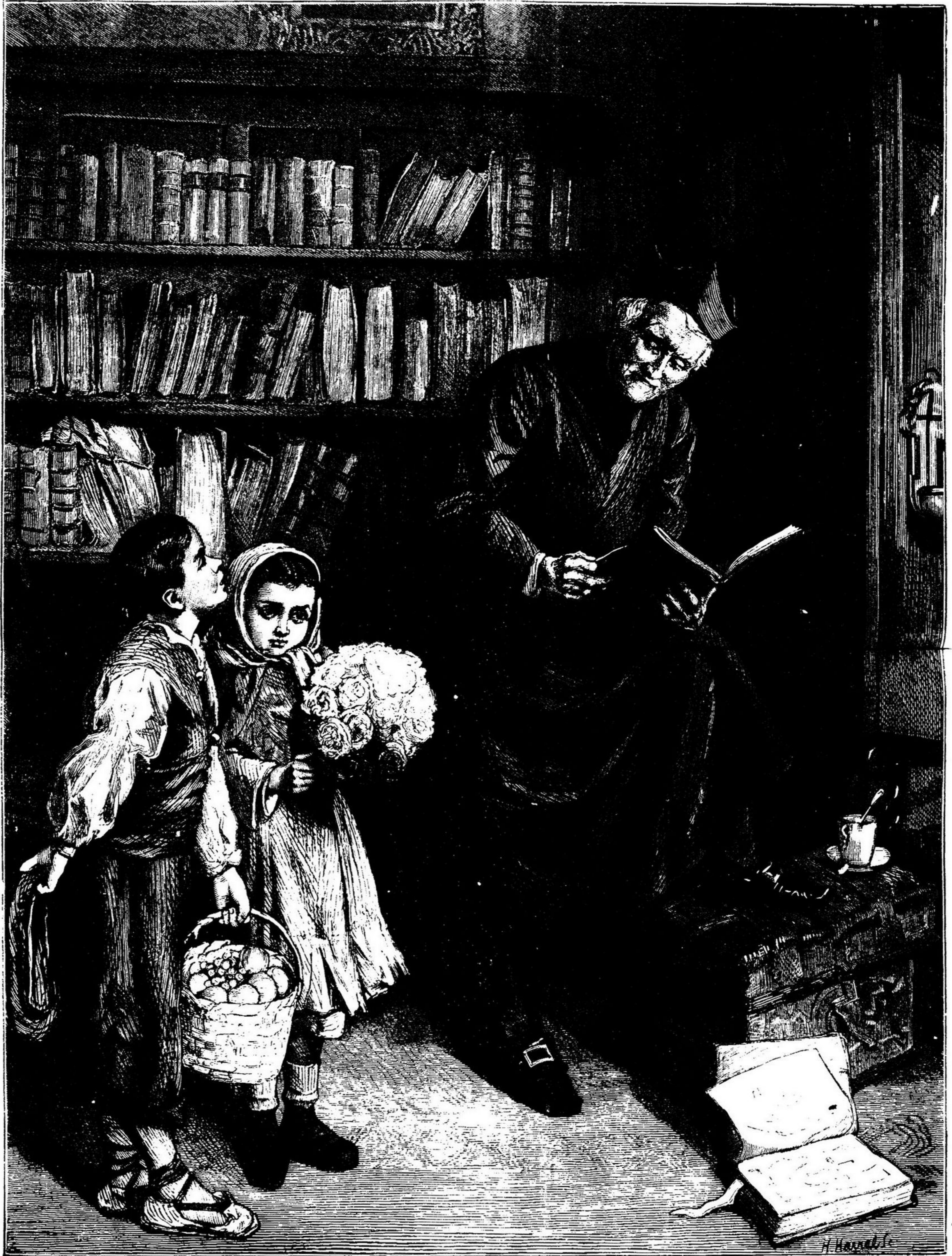
Serviu isto d'assumpto ao bello quadro do famoso pintor italiano, Seisoni, que hoje damos reproduzido em gravura.

O DIA D'ANNOS DO PRIOR

Um santo homem aquelle prior. Deviam assim ser todos.

Em vez de engrolar o latim mercenariamente, para fazer render o officio, exemplifica a moral e a caridade, esvazia a mingoada bolsa nas choupanas do desvalido, e está sempre prompto para soccorrer a miseria que se lhe abeira do presbyterio.

É por isso que todos o adoram na povoação, e que as boas creanças do sitio o presenteiam, no dia dos seus annos, com fructos, flores e sorrisos.

DEPOIS DO BAILE (Quadro de Schmiechen)

PAUSIAS E GLYCERE (Quadro de L. Scifoni)

Elle paga tudo aquillo, ensinando-lhes os bons preceitos do Evangelho e acariciando-as com meiguices verdadeiramente paternas.

PAÇOS DO CONCELHO DO PORTO

O edificio da camara municipal do Porto, representado na nossa gravura, está situado no lado do norte da praça de D. Pedro. A cornija que remata esta singela mas elegante construcção, termina por uma estatua de granito, figurando um guerreiro, a que chamam o *Porto*.

As salas d'estes paços tornam-se notaveis por alguns quadros de merito, que as adornam, merecendo menção especial, entre outros, o retrato de Carlos Alberto, offerecido aos portuenses, como tributo de gratidão pelo recebimento que prestaram ao guerreiro de Novara.

Vê-se tambem ali a bandeira que foi do extincto regimento de Voluntarios da Rainha, a sr.ª D. Maria II.

O archivo é precioso pelos documentos que encerra, os mais antigos dos quaes remontam ao anno mil e duzentos.

ÆTERNA MORS

Jeroglypho da treva em bronze escripto,
Mysteriosa ironia da Materia,
Que faz para destruir a essencia etherea
Do pensamento ancioso do Infinito!

Que és tu, força brutal? por que delicto
Prostas o lutador na vil miseria
Da podridão dos vermes, quando a féria
Devias dar-lhe do trabalho afflicto?

Ah! se da larva rompe a borboleta,
Illusão deliciosa do poeta!
Talvez nossa alma suba á eterna luz...

Mas se o cypreste de espectral ramagem
A [illegible] nas raizes o selvagem,
Que morde o coração junto da Cruz.

GUIMARÃES FONSECA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

CURIOSO.—Parece que sim. A seu tempo apparecerão.

ANTONIO J. DE MATTOS MENDONÇA.— [illegible]eguengos.—Será attendido, com o maximo prazer nosso, no seguinte numero.

INDISCRETO.—Roma e Pavia não se fizeram n'um dia. Ainda agora o nosso semanario vae em começo. Saiba esperar.

UM PATRIOTA. Ainda não falseámos o nosso programma, nem deixámos de dar gravuras de monumentos portuguezes. O que é impossivel é agradar a todos e fazer maiores prodigios de barateza, creia.

Exigir mais e melhor, por tal preço, é o cumulo da exigencia.

O PEQUENO ANTONINHO.—Vizeu. E' justificada a sua vaidade, mas injustificadissimo o seu *ferro*.

As publicações das charadas fazem-se pela ordem porque chegam, subordinadas a uma especie de escada, como já aqui dissemos. Não se pretere ninguem, mas não se pode dar cabida a toda a gente, d'uma só vez.

Fica satisfeito?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este elemento no casaco é um circulo—1—2.

TRINTA E UM.

Planta que tem este nome é planta—2—1.

Esta planta corre e é uma ave—2—2.

Este passaro tem o nome d'um homem—2—2.

Ajuda. LEAL JUNIOR.

De madeira este homem é um homem—1—2.

Na egreja, na musica e no mar—2—1.

Olhei no campo para este marisco—1—2

Alcacer. J. R.

Aqui, este appellido é um animal—1—2.

Gira este nome n'esta parte da Hespanha—2—3.

FANTOCHE.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas bolo—2.

A's direitas e ás avéssas medida—2.

A's direitas e ás avéssas argola—3.

A's direitas preposição e ás avéssas vulcão—2.

TRINTA E UM.

A's direitas rio, e ás avéssas mundo—2.

A's direitas mulher, e ás avéssas rio—2.

A's direitas ave, e ás avéssas villa portugueza—2.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

EM TRIANGULO

Perfume . . . . .
Fia . . . .
Jogo . . .
Desagrada . .
Artigo .

Ajuda. LEAL JUNIOR.

ENIGMA EM ACROSTICO

Cidade de Hespanha—.n.e.a
Cidade da Belgica—.n.e.s
Rio da França—.o.a.o
Ilha d'Italia—.s.h a
Villa de Portugal—.l.a.a
Cidade da França—.a.t.s
Rio da Prussia—.i.m.n
Cidade de Hespanha—.r.g.o
Cidade da Asia—.i l s
Cidade da Italia—.m.r.a
Região da Europa—.n.s.a
Cidade d'Italia—.i.i.i
Nome trivial—.l i.a
Cidade de Portugal—.i.v.s

Leiria. M. D. M. JUNIOR.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é planta, pedra preciosa e nome de homem?

LUDOVICUS.

ADIVINHAS POPULARES

Por correntes estou preso,
Fogo vivo em mim consumo.
Pela bocca deito fogo,
Pelos olhos deito fumo

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÔRDIA.

LOGOGRIPHOS

(A. M. I. R.)

Reinou em eras antigas 6—3—5—4
Apezar d'este appellido—2—7—1—4

E' por isso que sustento
Ser um nome conhecido.

MARIO.

(Por letras)

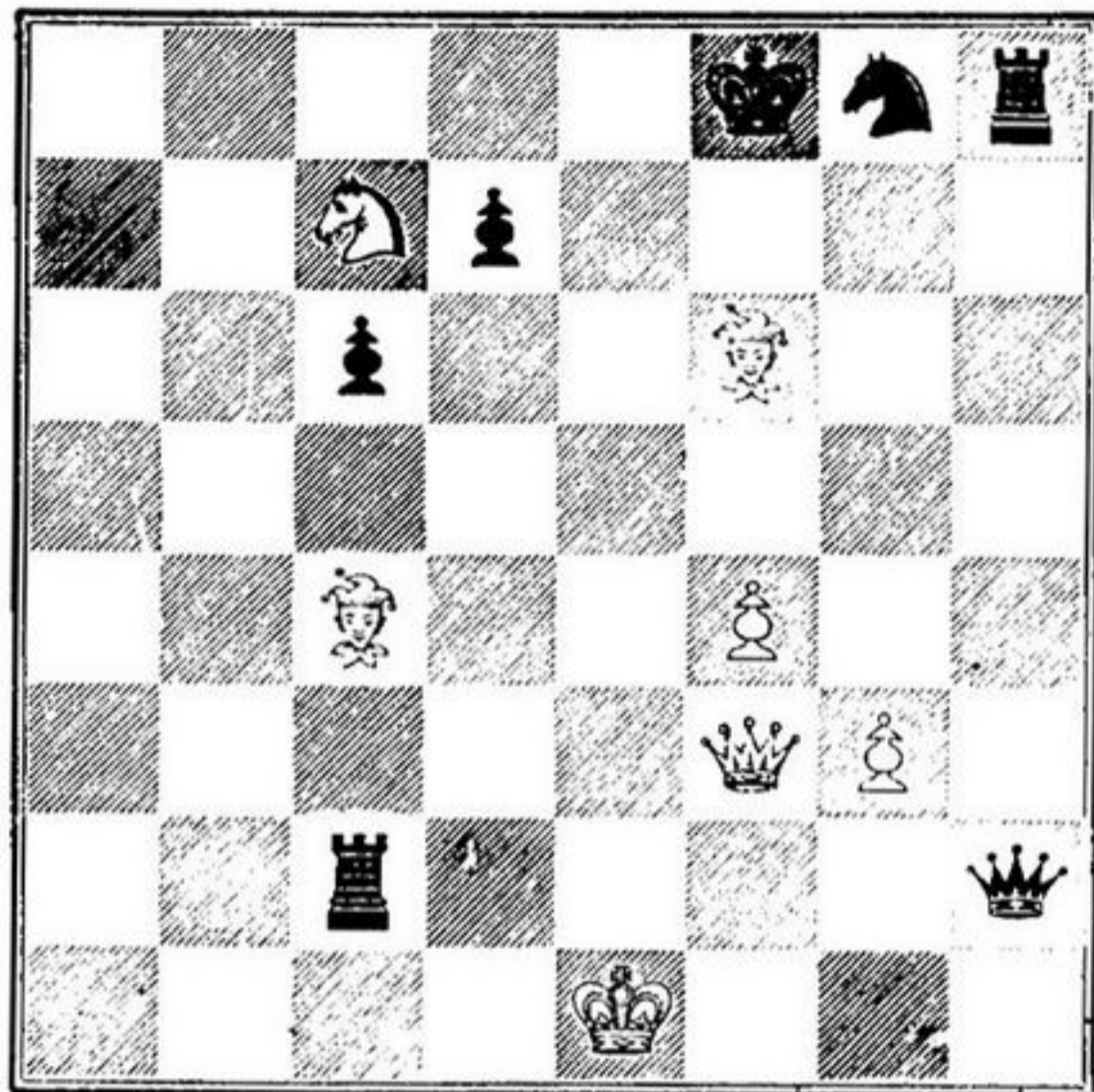
Todos podemos beber—1—5—3—6—7
Conhecido mineral—1—2—4

Appellido que alguns usam
Cá no nosso Portugal.

CARMO E SOUSA.

XADREZ

PROBLEMA N.º 18

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

PROBLEMA

Dividir entre Fagundo, Procopio e Seraphim 24 toneis, estando 5 cheios de vinho, 8 vazios e 11 meios cheios, de maneira que cada uma d'aquellas pessoas fique com egual numero de toneis e com a mesma quantidade de vinho.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Vieira.
2.ª—Arganeta.
3.ª—Macario.
4.ª—Luciano.
5.ª—Garrafa.
6.ª—Galhofa.
7.ª—Romaria.
8.ª—Regato.
9.ª—Cabrito.
10.ª—Açor.
11.ª—Aza.
12.ª—Astronomia.
13.ª—Moleque.
14.ª—Catilinaria.
15.ª—Tertuliano.

Da pergunta enigmatica:—Pala.

Das adivinhas populares:

1.ª—Jogo d'agulhas de meia.
2.ª—Azeitona.
3.ª—Sal.

Do logogripho:—Galanga.

Do problema:

A namorada de Aniceto é Bonifacia; a de Pancracio é Mafalda e a de Pantaleão é Urraca.

A RIR

Entre mulher e marido, casados de fresco, e a quem morreu um parente proximo:

—E eu sem ter ligas pretas! Observa a esposa, uma gentil morena de vinte annos.

O marido:

—Isso pouco importa. Podes usal-as de côr.

Ella.

—Oh! Que diriam todos os nossos amigos!

*

Uma cosinheira appetitosissima defende-se contra o filho do dono da casa.

—Dá-me um beijo, Justina, um só!

—Seja rasoavel, sr. Carlos, olhe que tenho a panella ao lume!...

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O oleo de figado de bacalhau, cuja antiga fama subsiste ainda hoje, é um medicamento sempre difficil de tomar, por causa do seu cheiro nauseabundo.

Juntando-lhe gomma arabica, assucar e sumo de limão ou laranja, poderá ser ingerido sem repugnancia pelo enfermo.

A SENHORA CONDESSA * * *

Amavam-se doidamente!

Aquella paixão, impetuosa e fatal, fôra um verdadeiro desmoronamento.

No dia em que ella se declarou, por modo a não deixar a menor esperança de que podesse haver um remedio sufficientemente energico para debellar o mal, o capitalista Rodrigo de Mascarenhas fechou-se no seu escriptorio, mandou chamar a filha e acolheu-a com o aspecto funebre de um homem que recebe uma visita de pezames.

Maria da Ascensão era filha unica, e como tal herdeira exclusiva dos sonoros milhões ganhos pelo pae no laborioso commercio do balcão, vendendo lãs e algodões: uma pequena loja obscura, de uma só porta, acantoada na extremidade dos arruamentos, ampliára-se, á medida que os ventos sopravam propicios, em um enorme armazem de vendas por atacado, que não guardava da existencia do proprietario senão a firma commercial, resaltando a oiro sobre um fundo de marmore polido.

Rodrigo de Mascarenhas afastára-se, enojado, dos contactos deprimentes do balcão, desde que despontára no seu espirito, insaciavel, o projecto de comprar á filha um marido titular.

O millionario não ignorava que os noivos titulares offereciam-se por modico preço, e por muito grande que fosse o desprezo que inspirava á sua prosapia de burguez endinheirado, forte da omnipotente magestade dos milhões adquiridos no grande conflicto do trabalho honrado, a impotencia da nobreza pelintra, escrava da tradição, nem por isso deixava de afagar-lhe o ouvido um titulo, que Mascarenhas reputava a cupula dos altos castellos architectados na sua phantasia.

O millionario trazia já de olho um conde, que a roleta, os cavallos e uma bailarina tinham reduzido á simples expressão de um limão espremido.

Calcule-se o furor do capitalista, quando, depois de interrogar a filha e de prégar-lhe um substancioso sermão de moral, illustrado de bellas maximas, tendentes a fazer valer o auspicioso futuro que lhe destinára, Maria da Ascensão respondeu que amava Alfredo, um poeta sem vintem, e que se não casasse com elle, não casaria com outro!...

Maria da Ascensão era romantica, como a maioria das raparigas a quem falta a salutar influencia do conselho paterno.

A mãe fallecera ao dal-a á luz.

A filha do capitalista conhecia o mundo, apenas pela superficial apparencia das cousas e pela leitura das novellas.

O pae limitara-se a satisfazer-lhe todos os caprichos, deixando-a na total ignorancia dos deveres, das exigencias e das responsabilidades de que se compõe a vida pratica, mesmo para aquelles que a atravessam blindados pelo oiro das caixas fortes.

Quando chegou a puberdade, com os seus vagos sonhos e as suas aspirações indefinidas, a cabeça loira de Maria da Ascensão curvou-se, meditativa, para as paginas dos romances e foi ahi procurar o heroe, o gentil Romeo, o idyllico amante que deveria vir um dia gorgear-lhe uma trova debaixo do balcão.

Alfredo appareceu, (como poderia ter apparecido outro qualquer) n'esse periodo efflorescente, e Maria da Ascensão, o olhar azul, absorto em uma commoção ineffavel, os labios frementes, — uma rosa mordida por uma abelha,—a fina e sonhadora cabeça pendida no concavo da mão, ouviu, arrebatada, o poeta, que lhe recitou os seus ultimos alexandrinos.

N'esses versos, ligeiramente claudicantes, o vate investia, a golpes de hemistichios, contra o destino e accusava-o de lhe haver negado a ideal musa dos seus cantares.

Maria da Ascensão acceitou, ebria de jubilo, o papel que tacitamente lhe offereciam.

A sua belleza um pouco fria, a belleza das mulheres loiras, belleza de visão que foge, ondeante e esmaecida, sem acordar a forte e dominadora impressão que fica, illuminou-se.

O amor, sonhado pela exaltada imaginação da creança romanesca, revestido de todos os prestigios com que de antemão o coroára a sua ardente espectativa, absorveu-lhe a vida.

Começou para Maria da Ascensão a deliciosa tortura da paixão contrariada.

Os noivos, propostos pelo pae, troncos estiolados de varias arvores genealogicas decadentes, foram successivamente regeitados.

O capitalista andava cabisbaixo, abatido, inconsolavel, como um homem que vê fugir-lhe o chão debaixo dos pés, mas não ousava impôr o *«posso, quero e mando»* á caprichosa, por quem elle se habituára a ser dominado.

Alfredo vinha todas as noites ver Maria da Ascensão: fallavam-se; elle cozido com o muro do jardim, ella pendente da janella do caramanchão, situado na extremidade do pomar.

Uma creada, muito dedicada a Maria da Ascensão, uma bonita rapariga, de olhar malicioso e vivo, favorecia as entrevistas.

Alfredo tossia sempre, as faces cavavam-se-lhe, os olhos pizados; tinham um brilho estranho: a phtisica minava-o.

A's vezes, conversando com Maria de Ascensão, recitando os versos que ella lhe pedia, a tosse suffocava-o, levava o lenço á bocca e retirava-o tinto de sangue.

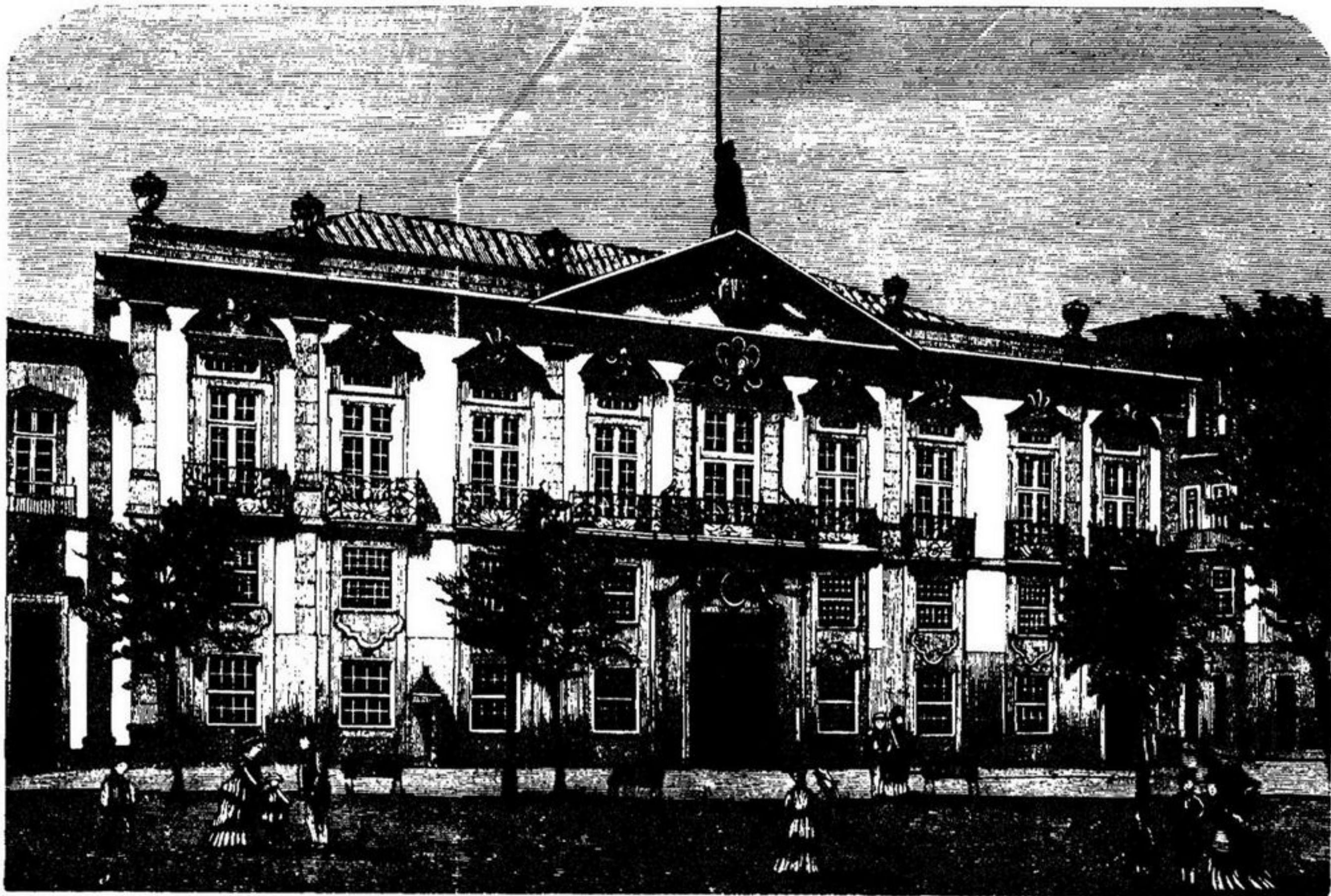
Ao entrar no quarto, d'onde partira para o cemiterio o cadaver do unico homem que amára na terra, Maria da Ascensão caiu de joelhos, sacudida pela violencia dos soluços, desvairada pelo impeto de uma dôr que se lhe cravava no coração como um ferro em braza.

De subito, pareceu-lhe ver passar uma sombra e ouvir um gemido, subtil como o murmurio da viração quebrando-se nas agulhas dos cyprestes.

Maria da Ascensão ergueu-se aterrada e espalhou em torno de si um olhar investigador. N'essa occasião, viu um cofre aberto e cheio de cartas.

Inconscientemente, approximou-se do cofre, pegou em uma das cartas e leu:

«Meu anjo

«A'manhã vou a tua casa. A *delambida* deu-me licença para sair. Que me dizes á telha com que ella hontem estava, a querer por força que o meu Alfredo recitasse versos?... E' bem feito!

PAÇOS DO CONCELHO DO PORTO

Ella, aterrada, doida de dôr, escondia a cabeça nas mãos, convulsionada pelos soluços.

Uma noite, Alfredo não veiu fallar-lhe: oito dias depois estava morto.

Ao receber a fatal noticia, Maria da Ascensão caiu fulminada: sobreveiu-lhe uma febre violenta, contra a qual em vão lutaram, por espaço de muitas semanas, a sciencia dos medicos e a mocidade da doente.

As primeiras palavras da convalescente foram para annunciar ao pae que queria recolher-se a um convento.

Em vão tentaram dissuadil-a, o pae, as amigas, os parentes: reflexões, supplicas, admoestações, tudo caiu por terra, diante d'essa vontade inabalavel, sustentada pela sombria exaltação de uma dôr sem limites.

Alfredo vivera sempre só; residira em uma agua-furtada, alugada aos mezes.

Maria da Ascensão, por entre o medonho delirio da febre cerebral, pedira ao pae que pagasse o aluguel da casa, que comprasse o espolio do fallecido e que não deixasse ninguem tocar em um só dos objectos que tinham pertencido ao morto.

Na vespera da partida para o convento, Maria da Ascensão vestiu-se de luto pezado, pediu a chave da casa onde fallecera o poeta, metteu-se em uma carruagem e mandou seguir para a rua dos Algibebes.

Pedi-te que mandasses passear a menina Maria da Ascensão, promettes̃te e faltaste! Deixa estar que eu me vingarei. O que vale são as esportulas que lhe apanho.

Tua do coração
Augusta de Jesus.»

Era a letra da creada!

Seis mezes depois, Maria de Ascensão era a mais positiva de todas as condessas que emmolduram o busto olympico em uma primeira ordem de S. Carlos.

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA